



EDITORIAL

Cara/os Leitoras/es,

É com prazer que o SOS CORPO – Gênero e Cidadania convida você a conhecer a primeira edição do “Triálogos Feministas” - ciclo de debates, que tem como objetivo abrir um espaço feminista de discussão sobre temas da conjuntura. Atendemos, assim, à demanda das mulheres que, sendo lideranças em comunidades, sindicatos, partidos políticos, vêm participando do Ciclo de Formação de Lideranças, realizado no âmbito do Projeto Mulher e Política, assim como propomos reunir neste espaço outros segmentos sociais – sejam estes parceiros ou não dos movimentos de mulheres. Neste sentido, a próxima edição terá como tema central “O Brasil na conjuntura pós-eleitoral”.

Mas vocês podem estar se perguntando por quê triálogo? Na definição do Dicionário Aurélio, diálogo significa “1. Fala entre duas ou mais pessoas; conversação, colóquio. 2. Obra literária ou científica em forma dialogada. 3. Troca ou discussão de idéias, de opiniões, de conceitos, com vista à solução de problemas, ao entendimento ou à harmonia; comunicação. (www.uol.com.br/aurelio – 07/11/2002)”

Tomando como referência o item 3, é importante destacar duas questões: em primeiro lugar, este espaço prioriza, sim, a troca de idéias, opiniões e conceitos; mas ao contrário da definição *aureliana*, não se busca necessariamente uma solução para problemas ou mesmo o entendimento e a harmonia. Por fim, a invenção do nome Triálogo visou destacar que três pessoas têm a tarefa de construir questões instigantes e mobilizadoras para que haja um debate amplo e participativo.

Esta publicação quer fazer chegar esta experiência a outras pessoas. Para isto, foi organizada em duas partes: a primeira traz as principais questões apresentadas por feministas, cuja participação no movimento se dá em áreas distintas: organização de mulheres, partido político e gestão municipal e academia. A segunda parte contém uma síntese da discussão em plenária. As intervenções foram agregadas por blocos de assuntos, de maneira a construir uma linha de raciocínio dialógica.

Para este primeiro Triálogos Feministas, convidamos Fátima Guimarães, professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco; Sílvia Camurça, ativista e educadora do SOS CORPO, atualmente Secretária Executiva da Articulação de Mulheres Brasileiras e Suely Oliveira, co-fundadora do Partido dos Trabalhadores, atualmente Secretária de Desenvolvimento Social e Econômico de Camaragibe/PE.

A elas e às mulheres que, participando do Ciclo de Formação de Liderança, nos estimulam a investir no debate político, nossos agradecimentos. A Socorro Silva, professora de Literatura e Língua Portuguesa, parceira neste projeto, nosso reconhecimento e carinho pelo inestimável trabalho e companheirismo.





*Carla Batista, Márcia
Larangeira, Simone
Ferreira e Solange Rocha – equipe do Projeto Mulher e
Política*



MULHERES NA POLÍTICA À LUZ DO FEMINISMO

Sílvia Maria Sampaio Camurça

Eu vou falar sobre feminismo e política tentando responder duas questões que me parecem centrais para o nosso triálogo: de que maneira o feminismo influencia as mulheres na política? E como o feminismo se relaciona com a questão da política?

Mudanças no cenário político

Nos últimos anos, a presença das mulheres na política mudou muito, mas ainda é bastante desigual. Nas eleições 2002, de cada cem candidatos, só treze são mulheres, apesar da Lei de Cotas que determinava o mínimo de 30% das candidaturas para as mulheres. A gente passou a atuar em outros ambientes e a pensa-los como espaços políticos. Entretanto, a gente não alterou muito a divisão do trabalho da política: quem fica em qual lugar e que lugares valem mais. E quem está nos espaços de maior poder na política ainda são os homens. Por exemplo, as mulheres são muitas nos Conselhos de Políticas Sociais, mas as Câmaras de Vereadores têm na sua composição uma maioria de homens. Com um agravante sério: o exercício da política na Câmara dos Vereadores é remunerado! Portanto, o homem que faz política na Câmara tem dinheiro para financiar sua própria participação política. Entretanto, a participação nos Conselhos é militante e gratuita, o que torna muito mais difícil para as mulheres se reproduzirem como lideranças políticas, porque terão que buscar em outra atividade o dinheiro para financiar sua atuação na política.

É preciso entretanto saber que, mesmo com esses dados, as mulheres cresceram em participação política. Há mais mulheres trabalhando nas campanhas, criando propagandas. Há mais mulheres candidatas e também assessorando candidatas. Há mais mulheres no Legislativo hoje do que no passado. Aumentou o número de senadoras e a quantidade de prefeitas cresceu nas últimas eleições municipais – pouco, mas cresceu. Há mais mulheres na administração dos Governos, em todos os escalões. Aumentou o número de mulheres filiadas e na direção dos partidos, embora ainda sejamos poucas. Nas associações civis, somos mais a cada dia. Principalmente, há mais mulheres escrevendo e falando sobre política nos meios de comunicação, e também se informando sobre política nos jornais. Resumindo, somos hoje mais políticas do que já fomos.

Eu acho que isso não seria assim se o feminismo não existisse. O movimento feminista foi muito importante para esse avanço devido a vários motivos. Em primeiro lugar, por questionar o androcentrismo na política. Depois, por explicar o porquê da ausência das mulheres nos espaços de poder político e ainda por lutar para mudar os contextos políticos nos quais inscrevem-se a participação das mulheres.

É claro que a situação das mulheres na política não mudou somente por causa do feminismo. Eu vejo a emergência desse e de outros movimentos sociais como um fato importante para tornar a política um espaço mais democrático para mulheres, negros/as, índios/as, jovens, idosos/as, e para analfabetos/as. Os outros movimentos sociais tornam o processo da política mais



democrático, o que também ajuda as mulheres. Além disso, temos hoje mecanismos de participação que a gente conseguiu tornar legais e institucionais, como os conselhos e os orçamentos participativos. Isso aumenta também a possibilidade de participação das mulheres.

Iguais, mas nem tanto – a questão da política no feminismo

Feminismo, movimentos sociais e novos mecanismos de participação. Eu acho que esses três fatores foram importantes na democratização da política. Entretanto, do ponto de vista da situação das mulheres, o feminismo foi crucial. O pensamento feminista denunciou a contradição da democracia clássica que negava às mulheres o direito ao voto. Boa parte da conquista e da construção dos argumentos do feminismo se fez na época das revoluções dos séculos XVII e XIX. Essas revoluções tentavam democratizar o mundo, mas não estavam democratizando tanto no que se referia às mulheres. Uma das alavancas do movimento feminista foi perceber essa contradição.

O feminismo mostrou que as mulheres enfrentavam muitas interdições para estar na esfera pública e que eram impelidas ao confinamento na esfera doméstica. Mas não só isso: o movimento feminista lutou contra essa situação e difundiu a idéia de que era preciso existir movimento de mulheres para se fazer política e para mudar a condição feminina na sociedade.

Posso elencar muitos exemplos de como o feminismo foi, e ainda é, a base de legitimação e fortalecimento da ação política das mulheres, mesmo para aquelas mulheres que não são militantes e até mesmo para aquelas que são anti-feministas.

Para estar na política as mulheres têm que fazer uma trajetória que as desloca do mundo doméstico privado para o mundo público. O feminismo ajudou nessa passagem, legitimando esta trajetória para as mulheres. Isso se fez em grande medida pela imprensa feminista que disseminava novas idéias com intuito de contradizer crenças e valores arraigados. Mas se fez também por meio de muitos debates nos jornais em diferentes épocas, e pelas manifestações públicas das próprias mulheres. Mesmo aquelas mulheres que não se dizem feministas se beneficiaram do movimento pois foi através dele que mulheres conquistaram o direito de ir às ruas, participar de debate público, estudar, trabalhar nas mais distintas profissões.

As mulheres, para fazer política, redefinem o espaço doméstico como espaço de luta política. Muitas de nós para sair de casa na noite de hoje, por exemplo, precisaram argumentar com a mãe, com a sogra, com o filho, com o marido: “*Eu tenho direito de ir a um debate, hoje não vou ficar em casa*”. E foi o feminismo que ensinou a gente a compreender que isso não é infelicidade nenhuma, isso é luta política, é viver a democracia no espaço da casa. Além disso, as oportunidades de reuniões e conversas entre mulheres que acontecem no feminismo ajudam as mulheres a aprender umas com as outras estratégias de luta dentro de casa para poder sair de casa.

Igualmente, o feminismo procurou democratizar as instituições da democracia. Por exemplo, na hora em que o movimento brigou para as mulheres terem direito ao voto, estava tornando a democracia mais democrática. Quando lutou para ter cotas, estava tornando as eleições mais



democráticas. Então, são formas de luta do feminismo que democratizam a própria democracia propiciando mais acesso às mulheres a espaços de poder.

Por fim, o movimento feminista trouxe para o campo da política uma série de problemas que não eram considerados políticos. A violência contra as mulheres é um deles. A política preocupa-se com os problemas da comunidade mas a violência não era considerada um problema político. Aliás, era quase parte da rotina. Viver uma vida sem violência é crucial para as mulheres viverem todas as dimensões da vida.

Portanto, o feminismo ajudou a mudar a política e, de alguma maneira, ajudou muitas mulheres a mudar suas vidas e passar a fazer política.

O que eu deixo como pergunta é se o fato de ter cada vez mais mulheres fazendo política será suficiente para a gente seguir democratizando a sociedade?

Eu acho que não, a menos que essas mulheres tenham um projeto coletivo de transformar a política. Caso contrário, pode ser que as mulheres apenas aproveitem da política para fazer seus ganhos particulares de poder, de influências... E isso tende a despolitizar a luta feminista. Se não tivermos um projeto renovado muito claro do que a gente quer transformar agora, poderemos perder a possibilidade de seguir contribuindo para o aprimoramento das práticas políticas.



Sílvia Maria Sampaio
Camurça é educadora do
SOS Corpo e atual Secretária Executiva da AMB – Articulação de Mulheres
Brasileiras.

ALEGRIAS E DISSABORES

– FAZENDO UM BALANÇO DE PRÁTICAS POLÍTICAS

Suely Oliveira

Preparei esta apresentação a partir de duas linhas de ação. Primeiro, falarei um pouco da minha experiência como gestora pública na Prefeitura de Camaragibe, desde 1997. Aproveitarei o tempo restante para falar enquanto dirigente no Partido dos Trabalhadores.

A experiência na gestão pública

Paulo Santana foi eleito Prefeito de Camaragibe pela primeira vez em 1996. Já no final da campanha, ele me chamou para fazer uma capacitação com a equipe de transição. Quando ele me convidou, queria montar uma Assessoria da Mulher ou uma Coordenadoria da Mulher, alguma coisa nessa direção. O prefeito dizia uma coisa engraçada: “*Eu passei a campanha toda dizendo que no meu governo mulher ia ter vez. E eu acho que é uma pessoa do movimento de mulheres que vem para começar essa história*”.



Simbolicamente, a Secretaria de Ação Comunitária e Promoção Social foi inaugurada no oito de março, com uma caminhada das mulheres e com o grupo de teatro Loucas de Pedra Lilás nas ruas. Na ocasião, o Fórum de Mulheres de Pernambuco entregou formalmente ao Prefeito a sua plataforma política, intitulada *O que as mulheres querem como política para o ano 2000* – documento que eu própria ajudei a construir. Então, Secretaria começa com essa característica. Há poucos dias, Betânia Ávila, coordenadora do SOS CORPO, estava comentando que não se trata de uma Secretaria da Mulher, mas sim, uma Secretaria que tem uma feminista como gestora, como dirigente, e que tem todo um olhar e toda uma postura do feminismo.

Eu não vou falar aqui dos feitos da Secretaria e sim das dificuldades de ocupar esse lugar sendo uma feminista. A gestão pública é um espaço de muita negociação, de muita discussão com o chefe do Executivo. Não é pelo fato de ser uma administração do PT que a questão está resolvida. Todo mundo sabe que quando um Prefeito ou uma Prefeita do Partido dos Trabalhadores se elege, quer logo implementar os programas, os projetos petistas: fazer orçamento participativo, o Bolsa-escola... Mas as Coordenadorias da Mulher são, de fato, bastante emperradas. Isso tem a ver com a forma como o próprio Partido dos Trabalhadores ainda vê as questões das mulheres. Em Camaragibe, a Coordenadoria da Mulher só foi criada na segunda gestão. No Recife, as mulheres acompanharam como foi o processo de pressão para que a Coordenadoria fosse criada. Essa é uma das questões que eu queria colocar para reflexão.

Diálogo com o movimento de mulheres

Ocupar este lugar no executivo, ao mesmo tempo, assegurar uma relação próxima com o movimento de mulheres é fundamental. Eu posso dar o exemplo da Campanha “Violência contra a Mulher: Sem Medo de Meter a Colher”. A idéia da Campanha surgiu em 1997 mas ela só aconteceu em 1999. No governo, eu escutava a seguinte recomendação: “Você, como Secretária, tem autonomia para fazer a Campanha”. Mas uma iniciativa desse tipo precisa do envolvimento de todo o Governo e não apenas de uma Secretaria. Nesse momento de negociação, a relação estreita com o movimento de mulheres tem sido muito importante, pois essa é a “carta” que a gente tem na mão para pressão.

Quando pensa na relação entre feminismo e política, há uma outra questão que precisa ser discutida: qual é o papel dessas Secretarias que são chefiadas por mulheres? É necessário que exista uma preocupação com o combate às desigualdades entre homens e mulheres. De outro modo, não faz muita diferença um homem ou uma mulher naquela posição. Camaragibe, por exemplo, tem uma Secretária de Transporte, que antes foi Secretária de Obras. No começo da Campanha contra a Violência contra a Mulher, havia um questionamento sobre qual era a relação da Secretaria de Obras com essa proposta. Foi preciso fazer todo um trabalho de sensibilização com vários/as gestores/as lembrando, por exemplo, que a iluminação pública é uma responsabilidade dessa Secretaria e que esta é uma questão relacionada à prevenção da violência contra a mulher. Então, eu acho que as mulheres fazem a diferença, mas as feministas fazem uma diferença ainda mais contundente.

A experiência partidária



No ano passado, completaram-se 10 anos da política de cotas. Nós perdemos a oportunidade de trazer essa discussão para a rua, junto da sociedade civil, sobre o significado dessa política no Partido dos Trabalhadores. Durante muito tempo, os homens que estão na direção diziam: “Pois é! Tem a política de cotas e, de fato, as mulheres não estão participando...” Mas nós pensamos que o problema não é apenas trazer mais mulheres para o partido. É preciso garantir espaço de formação política para as militantes; é preciso garantir creches nos congressos, nas grandes reuniões, nos seminários, enfim, tem uma série de medidas afirmativas que precisam ser implementadas para que as mulheres possam estar nesses lugares. Ter só a cota não basta.

Eu sou do Diretório Regional, o que significa que sou do Diretório Estadual do Partido dos Trabalhadores aqui em Pernambuco. Estou nessa posição devido à política de cotas e, no começo, eu tinha uma dificuldade em assumir um lugar que me é garantido pela cota. Mas depois eu fui percebendo que a política de cotas, de fato, ainda é necessária para garantir minimamente a participação de trinta por cento de mulheres. E hoje eu tenho muito orgulho disso.

Acredito que, mesmo com todas as dificuldades, a política de cotas é uma conquista. Todas as instâncias do Partido têm que implementar essa política. Então, eu estou na Fundação Perseu Abramo, que é ligada ao Partido dos Trabalhadores, também pela política de cotas. Quando a gente elege delegados para participar do Congresso do Partido, também tem que implementar a política de cotas. Quando as tendências fazem suas chapas, já introduzem as cotas. E a gente também briga para que a cota seja apenas o mínimo. Sempre que temos mulheres para ocupar esses lugares, a gente tenta ir além da cota.

Dificuldades

Militar num partido político não é fácil. Quando a gente pensa nos papéis, a gente constata que os homens estão mais para a fala e as mulheres para fazer o trabalho. Ainda é muito difícil para as mulheres exercer a fala pública nesses espaços. Uma coisa é falar aqui, no movimento de mulheres, e outra bem diferente no espaço do Partido. Só para dar um exemplo, num seminário que teve em janeiro deste ano, a platéia era lotada de homens e só tinham três mulheres: eu, Flávia Verçosa, que é a Secretária Estadual de Mulheres, e Beatriz Gomes. Nós três, que somos bem combativas, nos inscrevemos e eu fui a primeira a falar. Quando eu comecei a falar havia um burburinho, que até então não tinha. Os homens passaram a conversar! Então, eu parei e solicitei à mesa que garantisse a minha fala, porque eu queria ser ouvida. Mas não é fácil, porque isso cria um clima delicado. No partido, eu sou a feminista! Isso e o fato de estar há 22 anos no PT me conferem um certo respeito. Quando todo mundo calou, eu falei: “*Pois é! A gente já tem poucas mulheres na platéia, e as poucas que estão presentes vão falar e vocês não escutam. É de lascar!*” E aí segui minha fala. Isto para dizer que esse lugar é um espaço de luta. Sempre.



*Suely Oliveira é Secretária de
Desenvolvimento Social e
Econômico de Camaragibe e uma das fundadoras do Partido dos
Trabalhadores.*



MULHER E POLÍTICA – A REVOLUÇÃO INCONCLUSA

Fátima Guimarães

Silvia Camurça começou a fala dela relembrando nossos primeiros momentos de democracia, quando o feminismo também foi se construindo. E eu só quero enfatizar que o feminismo e a democracia, de uma certa forma, estão aliados porque, para o movimento feminista, esses espaços de democracia são extremamente importantes. O contrário também é verdade.

Nos últimos 200 anos, o feminismo vem se construindo como movimento organizado de mulheres dispostas a combater sua particular situação de opressão e como teoria que propõe uma revisão crítica das construções teóricas que falam sobre as mulheres, pondo em evidência que as tarefas destinadas historicamente às mulheres não têm sua origem na natureza e sim na sociedade. Razão pela qual tanto os estudos e teorias, quanto as práticas feministas vêm lutando para transformar as desigualdades não só nas relações de gênero, mas em todos os espaços da sociedade.

Eu tenho muito cuidado ao usar a palavra “revolução”. Contudo, este é o termo que me parece melhor expressar o que aconteceu com as mulheres no último século. Hoje, nós estamos presentes em quase todos os espaços da sociedade. Apesar de todos os avanços obtidos pelas mulheres, é importante lembrar que continuamos, quase sempre, fora dos espaços de poder. Com relação à política, só para citar um exemplo, nós tivemos aqui na Assembléia Legislativa de Pernambuco, do ano 1900 até o ano 2000, 599 deputados e apenas nove deputadas! Isto é uma mostra do pequeno espaço de poder que as mulheres têm conquistado. Tivemos recentemente um avanço no campo da política com a eleição de um expressivo número de prefeitas e vereadoras. Porém, é preciso não nos impressionarmos com as estatísticas; necessitamos ir além. Não se trata só de aumentar o número de mulheres nos cargos eletivos, de poder e de decisão, mas de incluir nesses espaços mulheres comprometidas com as transformações da sociedade, com as lutas das mulheres, as lutas feministas. A política de cotas pode ser um instrumento importante nessa luta, no entanto, estas cotas estão sendo preenchidas muitas vezes, por mulheres que não têm esse compromisso, sem falar de outros problemas relacionados com a inserção das mulheres na política partidária. Esse é um problema que enfrentamos.

Um passo muito importante já foi dado, o feminismo, as idéias feministas já foram apropriadas pelo conjunto da sociedade. Mesmo que esta sociedade não tenha, muitas vezes, esta consciência assistimos nossas propostas, nossas idéias sendo utilizadas das mais diferentes formas, o que nos é favorável. Precisamos agora encontrar meios para fazer com que esta conscientização chegue a um maior número de pessoas.

Outro assunto pontuado neste debate foi que o feminismo re-configurou alguns espaços. O feminismo enquanto prática e teoria não só re-configurou espaços, mas também re-configurou e ampliou alguns conceitos - como por exemplo, como política, trabalho, poder - entre tantos outros foram revisados e muitas vezes ampliados. Tomando como exemplo o conceito de



política, nossa visão se centrava na política institucional. O avanço das práticas, dos estudos e pesquisas sobre e das mulheres, principalmente a partir de 1970, vieram nos mostrar que a atuação das mulheres vai além da tradicional política institucional e que era necessário ampliar este conceito passando a considerar como político temas e espaços que não se enquadravam aí. Devíamos analisar as formas pelas quais as mulheres se expressavam politicamente.

Dentro desta noção ampliada do conceito de política podemos afirmar como exemplo que: Suely Oliveira faz política no partido ao qual é filiada, na Secretaria de Desenvolvimento Social e Econômico, no Movimento de Mulheres; Silvia Camurça faz política no Movimento de Mulheres. Ou seja, fazemos política em todos os espaços onde podemos desenvolver nossa atuação. Isto é importante porque, quando estudiosas/os tentam analisar as relações entre as mulheres e a política, concluem como vimos no exemplo da Assembléia Legislativa de Pernambuco pela pouca participação das mulheres na política. O que é verdade, mas é verdade também que não são levados em consideração outros espaços políticos onde as mulheres participam massivamente como é o caso dos Movimentos Sociais, Associações de moradores, dos diversos Conselhos Municipais, estaduais, etc.



*Fátima Guimarães é
Professora. Membro do
Colegiado de Pós-graduação do Departamento de História da UFPE*

O DEBATE

Democracia radical: um novo desafio

“Eu, como representante das/os homossexuais, tenho um projeto político e, dentro dele, eu abraço a causa global. Penso que é esse projeto que a gente está refazendo e a preocupação agora é com a redemocratização. É a palavra que me preocupa mais daqui pra frente. O feminismo é um projeto: planeja, depois faz uma reviravolta e agora ele começa a pensar na redemocratização do conceito de democracia. Mas enquanto as feministas que atuam há mais tempo no movimento avançam no debate sobre esses temas, agora é que chega na base a discussão sobre a importância do controle social e da participação das mulheres na política, na construção da democracia. Muitas mulheres da base estão certas do seu papel no controle social, mas ficam inseguras da sua atuação em espaços mais amplos. Como é que a gente vai responder essa ansiedade que a gente provocou?”

Íris de Fátima – AMHOR – Articulação do Movimento Homossexual do Recife

“Você não pode analisar as mulheres como se não houvessem as diferenças de classe, de raça, de instrução entre estas... Tentar colocar um projeto de sociedade, a partir dessas diferenças, tem sido uma coisa muito complicada. Esse é um desafio que nós precisamos enfrentar.”



Fátima Guimarães, UFPE

“A preocupação apenas com a presença das mulheres na política me parece insuficiente para o quadro atual. A participação das mulheres na política não está conquistada por igual. Uma mulher que estudou mais e que tem mais dinheiro, tem mais chance de participar em cargos importantes da política do que uma mulher com menos instrução e que tem pouco dinheiro. As feministas que estiverem preocupadas com a política têm que estar de olho não só na questão das mulheres, mas também considerando suas desigualdades de classe, de raça... Isso leva a gente para uma democracia radical: democracia tem que ser para todas as mulheres.”

Sílvia Camurça, AMB

Onde estão as mulheres?

“A gente passou a atuar em outros ambientes e a pensá-los como espaços políticos. Entretanto, a gente não alterou muito a divisão do trabalho da política: quem fica em qual lugar e que lugares valem mais. E quem está no espaço do poder da política maior ainda são os homens. Por exemplo, as mulheres são muitas nos Conselhos, mas os homens são maioria nas Câmaras de Vereadores. Com um agravante sério: o trabalho parlamentar é remunerado! Portanto, o homem que faz política na Câmara tem dinheiro para financiar sua própria participação política. E no trabalho militante gratuito dos Conselhos é muito mais difícil para as mulheres se reproduzirem como lideranças políticas, porque falta o dinheiro. Então a gente alargou o conceito de política, mas a desigualdade continua.”

Sílvia Camurça, AMB

“Eu acho que as mulheres conseguiram entrar em todos os espaços onde o critério para a participação é a competência. Ou seja, para você ser Secretária, para você dirigir um programa, dirigir um projeto, fazer qualquer coisa, você consegue entrar, disputar em pé de igualdade com os homens e ficar. Agora, quando os critérios para a participação passam a ser disputa de interesses e jogo de poder, a gente não entra.”

Ana Paula Portella, SOS Corpo

“É muito fácil reconhecer a competência da mulher. Para tudo o que é trabalho, ação, executar, operacionalizar a gente é escolhida sempre! Tem vários poderes valorizados. Mas aquele poder que dá notoriedade, que arregimenta força e grupos, que mobiliza e dá visibilidade, esse nem sempre a gente consegue estar nele. É muito difícil.”

Veranice Alves, CISAM

Repensando o sistema partidário

“Eu acho que tem uma razão especialíssima para a gente não ter chegado ao poder: o sistema partidário e o sistema político eleitoral brasileiro. No Brasil, você só pode fazer



parte da vida Legislativa e do Executivo, nos cargos máximos, se você fizer parte de um partido. Em outros países, existem candidaturas chamadas independentes, sem partido. Nós temos excelentes militantes que são lideranças no movimento, têm carisma, preparação, capacidade de expressão e não querem se candidatar porque não suportam a estrutura partidária. O partido engessa, dificulta. Da quantidade de partidos que você tem aqui, no Brasil, só o PT tem um mínimo de abertura para discutir as questões das mulheres. Então, eu acho que é chegada a hora da gente começar a discutir qual é a proposta das mulheres para mudar o sistema político eleitoral.”

Ana Paula Portella, SOS Corpo

“Eu penso que se a mulher que quisesse ser candidata não deveria ser obrigada a se filiar a um partido. Como a mulher está sempre relegada ao segundo plano, deveria se abrir mão desse critério. No final das contas, a mulher só serve pra duas coisas: de escada para o homem subir e, quando se mete na política, termina sendo instrumento de campanha dele. Isso precisa aca-bar. A mulher precisa assumir o seu papel porque o eleitorado está aí com cinquenta por cento mais um de mulheres.”

Sônia Silva, Associação Pernambucana de Cegos e Fórum de Mulheres de PE

“O problema na estrutura partidária é que, na maioria dos municípios brasileiros, os partidos nem existem. O que há são legendas para legitimar os caciques políticos, que valem mais do que o próprio partido naquele município. Isso cria uma tremenda dificuldade para as mulheres se meterem na política. Não tem como entrar pela política de cotas. As reuniões políticas acontecem pelas madrugadas, no bar da esquina, enquanto a mulher está em casa dormindo. Quando vai à Convenção é praticamente para formalizar. Todos os acordos políticos já foram tecidos fora da Convenção e as mulheres ficaram de fora dessas articulações políticas.”

Sílvia Camurça, AMB.

“Eu acredito na via partidária. Eu acho que isso é que faz com que eu continue no PT, um partido em que eu acredito. Na elaboração do programa de governo de Humberto Costa, por exemplo, foram quase mil pessoas envolvidas. A gente gastou dois meses preparando esse programa de governo com a sociedade civil. Enquanto outros partidos fazem o quê? Contra-tam uns técnicos, montam um programa e apresentam em coletiva para a sociedade. É por isso que eu gosto de estar no PT.”

Suely Oliveira, Prefeitura de Camaragibe e PT

“Eu também sou filiada a um partido, que não tem um espaço claro para as mulheres. Eu olho para a estrutura do partido e ela não me mobiliza para participar. As estruturas, a forma como o partido se organiza, a divisão de tarefas, o espaço da fala não encanta, não ajuda, não promo-ve a participação, e a gente recua um pouco. Mesmo nós, que temos o compromisso, o conhecimento e a consciência de participar, temos a dificuldade de estar



sentadas dentro do partido. É muito mais fácil estar sentada nesse espaço feminista porque ele valoriza, tem beleza e igualdade.”

Veranice Alves, CISAM



Sem medo do poder

“Para que é que a gente quer o poder? E, de que poder a gente está falando? Todos os poderes são transitórios. Nós, feministas, tínhamos um preconceito em relação ao poder e uma dificuldade de entender qual era o poder que a gente queria. Era quase um escudo na frente: “Não queremos o poder”. Eu acredito que o poder, em si, não interessa. O poder interessa quando a gente entende que ele é um local para transformação. Qualquer que seja o poder: ou como presidente de uma Associação de Moradores, ou como gestora pública, como chefe do Executivo... Assim como o Lula! A gente não quer a Presidência pela Presidência, quer a Presidência para poder mudar o país.”

Suely Oliveira, Prefeitura de Camaragibe e PT

“Qual o poder que nós queremos? Nós queremos cinquenta por cento do poder da Terra, com cinquenta por cento de todos os recursos. Só assim nós vamos transformar, realmente, essa sociedade.”

Fátima Guimarães, UFPE

